



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



## PRÁTICAS EXTENSIONISTAS: UM RELATO EXPERIENCIADO NA FEIRA LIVRE DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA

Luiz Henrique Silva Mota  
Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, Centro de Ciências da Saúde – UFRB  
lhsmota@live.com

Débora Reis da Cruz  
Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, Centro de Ciências da Saúde – UFRB  
deborahreissaj@hotmail.com

Jacqueline de Sousa Lima  
Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, Centro de Ciências da Saúde – UFRB  
kelly.rosacafe@hotmail.com

Marilya Izabel Santana  
Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
mlqueimados@gmail.com

### RESUMO

O presente trabalho relata a atividade de extensão elaborado pelos discentes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS) na Unidade Pedagógica III, no módulo de Processo de Apropriação da Realidade junto à Feira Livre de Santo Antônio de Jesus – BA. O objetivo da atividade foi sensibilizar a comunidade local sobre a temática do lixo abordando o binômio ambiente X qualidade de vida. A metodologia adotada para a execução do projeto de intervenção teve como embasamento teórico as obras Extensão e Comunicação de Paulo Freire e Pureza e Perigo de Mary Douglas. Posteriormente foram feitas visitas estratégicas no campo de estudo para visualizar as problemáticas existentes que direcionaram as discussões em salas de aula e delimitaram as temáticas a serem estudadas, paralelamente a algumas entrevistas informais sobre a percepção do feirante acerca do seu ambiente de trabalho foram efetuadas. O processo dessa pesquisa se faz de forma continuada respeitando as três premissas (comunicação, diálogo e respeito à cultura) que devem permear as atividades extensionistas, segundo Freire (2006). Compreende-se então como valor agregado a troca de experiência entre o pesquisador – pesquisado que foi de grande relevância para a comunidade acadêmica que se debruçou a estudar aquela área e ressalta-se ainda a apropriação de conhecimentos de uma realidade local, desde então desconhecida a ser narrada e contextualizada.

Palavras chaves: Extensão, Feira-livre, Cultura.

## INTRODUÇÃO

Considerada um espaço público voltado para a comercialização de produtos copiosos que enfoca na mercantilização de produções desenvolvidas regionalmente, refletindo as tradições culturais do lugar, as Feiras Livres existem no Brasil desde o Período Colonial. Historicamente, o comportamento social dos sujeitos se dá de forma espontânea e dinâmica onde os protagonistas e frequentadores podem expressar seus hábitos e seus valores hereditários. O município de Santo Antônio de Jesus possui uma população estimada em 90.850 habitantes (IBGE, 2010) considerada o mais importante município do Recôncavo Baiano, localiza-se a 187 km de Salvador (por via terrestre), à margem da BR-101 e limita-se com os municípios de Aratuípe, Conceição do Almeida, Dom Macedo Costa, Elísio Medrado, Laje, Muniz Ferreira, Nazaré, São Felipe, São Miguel das Matas e Varzedo. As primeiras atividades econômicas desenvolvidas na cidade data-se no século XVIII. A feira inicialmente acontecia no centro da cidade na Praça Padre Matheus mas devido a sua expansão teve de ser remanejada para uma área periférica; constituiu-se em uma das primeiras atividades comerciais desenvolvidas na cidade. Sua existência remonta à história da origem da própria cidade, quando em tempos mais remotos localizava-se nos arredores do Oratório de Santo Antônio. A Feira Livre de SAJ é um local público onde centenas de pessoas sustentam suas famílias através da venda de suas mercadorias e é um forte atrativo comercial. Apontado como fator relevante para o povoamento desta localidade ressalta-se a fertilidade de suas terras, a exuberância de suas matas com valiosas madeiras de lei, a abundância dos recursos que propiciava a plantação de cana-de-açúcar com o estabelecimento de pequenos engenhos; além da existência de tabuleiros próprios para a atividade agrícola, a qual teve como principal fonte de exploração o cultivo de mandioca e seus derivados. No século XVIII havia um grande número de lavradores de farinha na região. Apesar da farinha de mandioca exercer uma importância material e simbólica na vida dos feirantes, da população e da cidade, a Feira Livre era um ambiente plural onde se encontrava quase tudo. Além da farinha e dos tradicionais gêneros alimentícios, frutas e verduras, galinhas e porcos, comercializava itens para uso doméstico como: esteiras, carvão e madeira e artigos de uso pessoal como chapéu de palha, um acessório muito usado pelas populações do Recôncavo quando chegava o mês de junho no qual os festejos juninos e missas eram celebrados. Por possuir características tão

fortes e marcantes a UPPIII do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia escolheu a feira livre de Santo Antônio de Jesus para desenvolver sua atividade de extensão vinculada ao módulo Processo de Apropriação da Realidade, visto que, a atividade de extensão vivenciada nesse módulo é um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. De acordo com Santos (2001) a extensão assegura aos estudantes a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico, pois no retorno à Universidade, docentes e discentes trazem um aprendizado que submetido à reflexão teórica é acrescido àquele conhecimento.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A Feira Livre representa uma experiência peculiar de sociabilidade e de uso da rua. Uma tradição urbana tornada obsoleta pela expansão do automóvel e do moderno varejo, mas que luta para persistir na paisagem urbana (MASCARENHAS & DOLZANI, 2008). Assim como outras, a Feira Livre de Santo Antônio de Jesus possui uma característica dinâmica, no qual é considerada como uma economia de grande porte e muito importante para o desenvolvimento do capitalismo nas regiões onde se instalam. A origem da feira é muito mais antiga que o renascimento comercial ocorrido na Europa no século XI, onde se deu grande desenvolvimento das trocas. No código cultural da feira, o familiar e o estranho justificam as práticas de higiene e sustentam as noções sobre sujo e limpo. A sujeira é estranha porque não pertence ao ambiente. O limpo é o familiar, o reconhecido e pertencente ao feirante. Por outro viés, a impureza é essencialmente diagnosticada visualmente como desordem onde eliminando - a não fazemos um gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente por organizar o nosso meio. De certo, a organização espacial da feira, seus usos e abusos, não podem se compreender fora de uma perspectiva múltipla e plural, em que a conquista e a construção social do espaço dependia das práticas materiais e reprodução social de cada indivíduo, sobretudo dos feirantes. Segundo Santana (1999) quando pensamos em feiras-livres, no geral, a primeira representação que nos vêm à memória é de um espaço limitado onde ocorrem práticas de um comércio varejista de diversos produtos que suprem as carências da população. Todavia, para além desta representação elas constituem-se em múltiplos lugares de criação, de maneiras de viver e resistir às dificuldades cotidianas enfrentadas quer por

trabalhadores citadinos, quer por trabalhadores do campo. A feira é um espaço polissêmico em que vidas se cruzam, convivem e experimentam um cotidiano de diversidades. Feirantes, consumidores, transeuntes, turistas, crianças, idosos, mendigos e animais dividem o mesmo lugar. Conversas que se misturam num som confuso, imersas em cheiros e maus cheiros de restos de alimentos espalhados pelo chão, em meio à aparente desorganização das barracas, oferecem às centenas de olhares uma exposição de mercadorias das mais coloridas, distintas e vindas de diferentes lugares (ALMEIDA e PENA, 2011). Historicamente, até o século XVII, as regras de higiene eram impostas à população, muito mais como um ato civilizador e de adestramento do que um ato de cuidado com a saúde e prevenção de doenças. As práticas de higiene eram normas de civilidade e algumas formas de comportamentos eram proibidas por questões de estética, por serem feias à vista e gerarem associações desagradáveis. Em contrapartida, há características da feira que atingem uma perspectiva mais biológica no que desrespeito a carência de higiene e é nessa abordagem que se faz menção a Mary Douglas quando ela afirma que as regras de higiene evoluem à medida que se incorporam novos conhecimentos técnico-científicos. Desse modo, a concepção sobre sujo e limpo reflete a interferência da norma científica para alguns feirantes.

## **A EXPERIÊNCIA**

Como já foi elucidado, este trabalho apresenta uma experiência que vem sendo vivenciada no módulo Processo de Apropriação da Realidade da Unidade de Produção Pedagógica III com o projeto de extensão que foi nomeado como “Amigos da Feira” por propor justamente o acolhimento e interação; tendo por finalidade a sensibilização da comunidade da Feira Livre de SAJ para futuramente propor técnicas de melhorias no processo de armazenamento e coleta de resíduos. Após a visita de campo realizada no primeiro semestre, a qual suscitou várias problemáticas envolvendo algumas temáticas, a exemplo do trânsito, da higienização dos galpões e da disposição do lixo foi realizado um diagnóstico de como estavam dispostos os resíduos sólidos produzidos na Feira Livre de SAJ e qual era a percepção dos feirantes quanto ao lixo produzido. Logo após esse primeiro contato, foram feitas algumas alterações na metodologia do projeto, de maneira que foi proposto nas entrelinhas que os próprios feirantes atentassem para o seu local de trabalho como fator relevante que influencia na sua saúde e na qualidade de vida, fazendo dos mesmos autores de sua própria história. No qual se pensava

em promover ações interdisciplinares em saúde com ênfase na promoção de saúde e prevenção de doenças. A disciplina é ministrada por três docentes; sendo que para o desenvolvimento das aulas práticas os alunos foram distribuídos em três grupos. As aulas foram baseadas em artigos, sobretudo no que diz respeito às premissas extensionistas de Paulo Freire e Mary Douglas com a abordagem sobre o limpo x sujo, elevando a discussões para a área antropológica. Mary e Douglas apresenta um estudo profundo dos conceitos de poluição e uma abordagem ampla de como as normas sociais são reforçadas. A fim de estudar a poluição por exemplo, é necessário considerar a religião não só como uma crença em seres espirituais, mas um sistema complexo de valores. Neste caso, uma análise sistêmica revela muito mais do que uma visão estreita centrada nas diferenças entre primitivo e moderno. Este estudo também presta atenção aos problemas metodológicos na pesquisa antropológica sobre culturas primitivas. No entanto, o autor é muito perspicaz em considerar muitas armadilhas possíveis sobre o uso de algumas palavras e do perigo em tirar conclusões rápidas. Mary Douglas afirma que o entendimento das regras de pureza pode abrir lugar para discutir temas profundos. Um estudo da poluição questiona não só sobre as culturas primitivas, mas também revela mistérios que estão presentes em todas as sociedades. A forte presença de símbolos e ritos em todas as esferas de qualquer cultura e como eles são elaborados divulgam questões interessantes sobre a capacidade expressiva de ser humano. Há uma grande variabilidade na representação sobre lixo nessa comunidade, o lixo por muitas vezes é representado algo fora do comum, pela desordem do ambiente, tratando-se dos feirantes essa característica não se distancia muito da representação geral. Outra propriedade que vale ressaltar é que os resíduos inerentes a determinado ambiente não é considerado lixo, a exemplo, as escamas dos peixes no chão do galpão de pescados não se constitui lixo, assim como as frutas e verduras no chão do galpão de hortifrúti também não. Partindo da ideia de que os conceitos de sujo e limpo são vistos de maneira singular, é inviável que quaisquer críticas a respeito de “limpeza” e da “sujeira” da Feira Livre de SAJ sejam aplicadas. Conhecer a realidade do local e das pessoas que ali trabalham é imprescindível. Para isso, é necessário que o processo de comunicação entre as partes envolvidas não esteja isento das problemáticas socioculturais. Para além, é preciso ressaltar que antes de julgar, criticar e afirmar que a sujeira é a própria feira deve-se conhecer a realidade do local e das pessoas que ali estão inseridas, visto que a sua estrutura trabalhista vem embasada numa cultura histórica do espaço em que convivem diariamente. Cada grupo social (feirantes, frequentadores, poder público e os agentes sanitários) apresenta uma visão diferente do que é sujo ou limpo e conseqüentemente varia do conceito de higiene e pode-se relatar que essas diferentes visões sendo trabalhadas e aplicadas separadamente não

dão para mudar um espaço. Nesse caso, a extensão permite que estejamos comprometidos com a sociedade, pois proporciona ao discente refletir e agir, condições fundamentais para que o profissional se comprometa com a sua realidade (FREIRE, 1986). Nas práticas realizadas até o momento, foram desenvolvidas reuniões com os feirantes onde aconteceram debates e trocas de informações e de vivências; ocasionando, portanto troca de saberes e de conhecimentos; levando à compreensão que é de suma importância existir sintonia entre nós discentes e os feirantes. O trabalho na Feira Livre de SAJ vem nos permitindo pensar e repensar sobre a prática extensionista e como poderíamos estar agregando e enriquecendo esse processo de construção do nosso conhecimento. A cada visita na Feira Livre de SAJ fazemos novas descobertas e temos cada vez mais espaço para a comunicação e para o estabelecimento de vínculos. Particularmente, a atividade de extensão expande nossos conhecimentos para aprendermos a lidar, sobretudo com questões do nosso cotidiano, apesar de haver alguns desentendimentos inerentes à turma, as contribuições e o que foi diagnosticado se faz gratificante no que desrespeito ao [re] conhecer uma comunidade. Dessa maneira, precisamos estar cada vez mais inseridos no cotidiano e nas vivências dessa localidade. De fato, temos consciência de que estas propostas de mudanças não são simples tampouco fáceis de serem conseguidas. Por isso, não queremos apenas discuti-las com a comunidade. É preciso, sobretudo que os mesmos possam caminhar sozinhos e ampliarem seus horizontes com o intuito de lutar por melhorias em suas condições de trabalho e qualidade de vida.

## **CONCLUSÃO**

Dessa forma, para nós como discentes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde tem sido um desafio motivador experienciar essa prática não só como um exercício acadêmico, mas por estarmos trabalhando indissociavelmente com o saber científico e cultural que paulatinamente nos faz apropriar da prática com a realidade. Os conhecimentos adquiridos no decorrer da atividade passaram a ser vistos por nós como uma atividade educativa que por sua vez, contempla ambas as partes envolvidas considerando que para uma prática efetiva e rica de saberes as diferentes opiniões devem ser articuladas e pensadas juntas. Aprendemos também que a extensão universitária é um elemento de ligação entre a Instituição de Ensino Superior e a sociedade em que se insere, no qual a mesma possibilita a mudança social na vida do

discente, sobretudo quando aliada à vontade deste de lidar com as diferenças socioculturais nas quais o mesmo não se encontrava inserido até o momento. Pelo fato de que a feira livre é um espaço privilegiado onde existem agrupamentos culturais que se entrelaçam, devemos nos atentar sempre aos riscos de uma Extensão Universitária, pois o saber acadêmico não é uma verdade absoluta e não há como fazermos um trabalho na Feira Livre de SAJ e em nenhuma comunidade que seja se nos julgarmos detentores de um saber hegemônico. Portando, temos consciência de que estas propostas de mudanças não são simples, tampouco fáceis de serem conseguidas. É certo que não queremos impor nenhum tipo de conhecimento formado; ainda assim, vale ressaltar que este é um relato preliminar desta experiência, visto que o processo desta se dá de forma continuada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D. M. & PENA, P. G. L. **Feira Livre e risco de contaminação alimentar: Estudo de abordagem etnográfica em Santo Amaro, Bahia.** Revista Baiana de Saúde Pública. v.35, n.1, p.110-127, 2011.

BRAUDEL, Fernand. **Os jogos das trocas.** Vol.2; São Paulo. Martins Fontes, 1998.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo.** Lisboa: Edições 70, 1991.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

MASCARENHAS, G. & DOLZANI, M. C. S. **Feira Livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea.** Revista Ateliê Geográfico v.2, n.4, p.72-87, agos/2008. Disponível em: [www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/download/4710/3971](http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/download/4710/3971) Acesso em : 02/Fev/2012.

MINNAERT, A. C. S. T. & FREITAS, M. C. S. **Práticas de higiene em uma feira livre da cidade de Salvador (BA).** Ciência & Saúde Coletiva, 15(Supl. 1): 1607-1614, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141381232010000700072](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232010000700072) Acesso em: 27/Jan/2012

RONZELLI JÚNIOR, P. A **extensão universitária**. Disponível em: [www.mackenzie.br/extensao\\_universitaria.html](http://www.mackenzie.br/extensao_universitaria.html). São Paulo, 2003. Acessado em 12/Fev/2012

SANTANA, Charles D'Almeida. **Dimensão Histórico-cultural (cidades do Recôncavo)**. Cadernos CAR-26: Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável. Salvador, Bahia, 1999.

SANTOS, B.S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, H. R. **Homens de Fronteiras: Cultura, Trabalho, Memória e Identidade de Feirantes do Recôncavo Sul da Bahia (1950 – 1960)**. III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2006. Disponível em: [http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh\\_III/hamilton\\_rodrigues.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/hamilton_rodrigues.pdf) Acesso em: 02/Fev/2012.